

António Manuel Negrita Embaixador do Congo junto da Santa Sé

A embaixada que D. Afonso, rei do Congo, pensara enviar a Roma, ao Papa Leão X, em 1513¹, parece que só quase um século mais tarde se veio a concretizar, não sem enormes dificuldades e contratempos que quase a iam dizimando pelo caminho. Da pessoa do embaixador, apelidado «O Negrita», chegaram até nós documentos literários² e plásticos suficientes para fazer ideia do impacto religioso e diplomático que revestiu essa embaixada num período de grande expansão missionária.

D. António Manuel Ne Vunda, Marquês de Funta (Funesta), primo do Rei do Congo, Álvaro II, foi enviado por este como Embaixador a Roma, no ano 1604, para prestar obediência ao Papa Clemente VIII (1592-1605), reconhecendo a Santa Sé como «mãe e cabeça de toda a cristandade». Entre as petições de que era portador e para as quais contava com o apoio do rei de Espanha conta-se o pedido ao Papa do envio de missionários para o Congo, onde se oferecia à Igreja implantada pelos portugueses um vasto e fecundo campo. A par da escassez de missionários, surgiram também desentendimentos entre as Ordens que aí já trabalhavam ou para lá pretendiam ir, como era o caso dos Agostinhos portugueses, despedidos, para que pudesse ser satisfeito o interesse dos Carmelitas descalços (espanhóis) de ir para o Congo³.

¹ Sinal da penetração do Cristianismo no Congo, então na dependência de Portugal, foi a eleição de D. Henrique, filho do rei, como Bispo de Utica (1518-1535), depois dos estudos que fizera em Lisboa.

² Vários desses documentos (cartas, relações, petições) encontram-se publicados por A. BRASIO, *Monumenta Missionaria Africana* V, Lisboa 1955. Aí se encontram cartas de D. José de Melo a El-Rei, do Padre Odon Van Malcote ao P. Francois de Fléron, do Bispo de Foligno, do Card. Fabio Biondi, do Papa Paulo V, escritas em português, latim e italiano.

³ Cf. A. BRASIO, *Monumenta Missionaria Africana* V, Lisboa 1955, 367-368.

De 33 anos de idade, aproximadamente, encontrava-se à frente de importante embaixada que sonhava ver em Roma «pontes e barcas de prata», com dádivas e cartas e um esplêndido séquito de servos. Em Roma, a embaixada era aguardada com grande expectativa, e sinal dessa importância é o modo como foi recebida pelo Papa e o relevo que esse acontecimento teve nos cronistas da época, embora se encontrem referências a outra embaixada. A singularidade desta é sublinhada pela figura do próprio embaixador que se comprazem em descrever do seguinte modo: negro, de costumes nobres e graves, pio e devoto, com pouca barba, conhecedor do português e castelhano. Fez a viagem passando pelo Brasil, mas os incómodos da viagem foram tantos que já chegou doente a Lisboa, nesse ano de 1604, depois de ter caído três vezes nas mãos dos piratas holandeses que lhe roubaram tudo. Pelas agruras da Viagem e pela diferença do clima, poucos membros da sua comitiva acabariam por chegar a Roma. O próprio D. António Manuel, depois de ter passado três anos em Lisboa e Madrid, acabaria por chegar a Civitavecchia exausto e com poucos dias de vida. Estava-se nos últimos dias de 1607, sendo já Papa Paulo V (1605-1621), que o mandou transportar em liteira para Roma. Aqui chegou no dia 2 de Janeiro de 1608, tendo sido instalado no palácio do Vaticano, nos aposentos ocupados, décadas antes, por S. Carlos Borromeu. Que se tratava de uma verdadeira e própria embaixada mostra-o também o conteúdo das petições que D. António Manuel devia apresentar diante do Rei e do Papa. De forma sumária ou alargada, os vários documentos testemunham, em vinte parágrafos, os desejos de um rei cristão no confronto com o seu povo e com algumas situações incompatíveis com o verdadeiro espírito de evangelização⁴. Por eles vemos como a Igreja se projectava nos territórios de missões e como eram relevantes as formas do quadro institucional de então. Além das coisas que o seu embaixador possa formular oralmente, o Rei do Congo pede:

1. A protecção papal e oferece como preito de vassalagem parte do metal descoberto no seu território;
2. a faculdade de poder emitir censuras contra os ladrões de metal nas suas minas;
3. a legitimação de um dos seus filhos naturais, para lhe poder suceder;

⁴ Archivo Secreto Vaticano, *Miscellanea* Arm. XV vol. 101, fl. 47-49, 52, 57; *Nunziatura di Spagna* 60-A fl. 145-146; AG Simancas, *Sec. Prov.* Liv. 1476 fl. 159-265; Biblioteca da Ajuda Lisboa, Ms 51-VIII-48 fl. 151, Ms 51-VII-7 fl. 315v.

4. concessão de graças e privilégios, à semelhança dos que outros reis cristãos têm recebido;
5. privilégio de ter Capela Real com capelão e juiz que possa intervir no caso de censuras por parte do Cabido, sede vacante;
6. direito de altar privado, Agnus Dei, indulgência e reliquias;
7. poder de prover a sua catedral com capitulares e de o Rei Católico nomear os Bispos;
8. quais as cerimónias do Bispo e do Cabido, sede vacante na Igreja, na presença do Rei;
9. concessão do título de Protonotário ao seu confessor e de outros privilégios habituais;
10. faculdade de absolver de pecados reservados;
11. faculdade de crismar, também para os sacerdotes nomeados por ele;
12. poder de consagrar cálices e benzer alfaia sacerdotal e de dispensar de graus de consanguinidade;
13. permissão de pagamento da décima, conforme à ordem antiga, pela mão dos seus ministros;
14. autorização para expulsar do seu território os cristãos novos;
15. atenção para as suas queixas contra o Decano, pelas suas atitudes contra o Rei, sede vacante;
16. o mesmo se diga dos ministros de Sua Majestade, que estavam em Angola;
17. a nomeação do Bispo e autorização para prover Capitulares;
18. permissão de se tornarem naturais do Reino àqueles que viverem há 6 ou 7 anos nas terras;
19. pela sua acção, tornaram-se cristãos 4 reis;
20. e outros se converterão, se forem concedidas graças e privilégios⁵.

Para a sua recepção solene estava marcado o dia da Epifania, mas o seu estado de saúde era grave, de modo que o Papa passou a visitá-lo frequentemente, durante os quatro dias que o separaram da morte no próprio dia da Epifania (6 de Janeiro). À uma hora da noite, o Papa fez-lhe uma longa visita para «o consolar com a sua presença e lhe dar a sua benção; solicitado por ele mesmo, conser-

⁵ Cf. A. BRASIO, *MMA* V, 110-111, 112-118, 280-293, 310-315, 588-589.

vou-lhe a mão na frente durante algum tempo, e mostrou estar muito interessado na visita de Sua Santidade e esforçou-se por lhe dizer algumas coisas de que o seu rei o tinha encarregado, sempre por meio do intérprete, mas encontrava-se em tão grande agonia e sufocado pelo catarro, que não pode acabar de explicar a sua intenção e desejo. Nosso Senhor firmou-se bastante tempo, consolando-o com palavras de paterno afecto e, ao partir, o embaixador recomendou-lhe o seu rei e a Cristandade do reino do Congo, instando por que se mandassem ministros religiosos a pregar e instruir aqueles povos na verdadeira fé, e, por último, recomendou ainda a Sua Beatitude aos seus servidores; finalmente, às sete horas da noite, passou desta para melhor vida, com grandíssima satisfação sua por morrer em Roma e por ter sido visitado por Sua Beatitude. No dia seguinte, o seu corpo foi levado a sepultar com grande pompa em Santa Maria Maior, onde Sua Santidade o fará depor na sua capela, que está a construir, e ordenou lhe tomassem a máscara para a estátua a fazer em perpétua memória»⁶.

Também o *Necrologio Romano* se refere à morte do Embaixador do Congo, visitado pelo Papa e confortado com a sua benção e com os Sacramentos da Igreja. Segundo esse relato, em latim, o corpo do Negrita foi depositado em Câmara ardente na Igreja de Santa Catarina, próxima da Praça de S. Pedro, onde foi visitado por muitos romanos e de onde partiu, cerca das 22 horas, o pomposo cortejo fúnebre para Santa Maria Maior⁷.

Aí foi sepultado, não na Capela Paulina, mas no chamado coro de Inverno, o actual baptistério, onde se encontra. No dia 12 de Janeiro de 1608 foram celebradas exéquias solenes em Santa Maria Maior, sob a presidência do Card. F. Biondi, patriarca de Jerusalém, que viera de Lisboa. O próprio Papa se referiu ao Embaixador Negrita num discurso consistorial. E aquele que começou por ser uma luzida embaixada acabou por ser mais celebrada pela morte prematura deste ilustrado embaixador negro. O lugar da sepultura assinalado com uma inscrição da época⁸ que foi substituída por

⁶ BIBL. Vaticana, Mss *Urbaniti latini*, 1076, f. 44 (Texto italiano).

⁷ Bibl. Vaticana, Cod. *Vat. Lat.* 7875 (Anos: MDC-MDCXIV).

⁸ A inscrição era a seguinte:

D.O.M./PAULUS V. PONT. MAX./ANTONIO EMMANUELI FUNESTAE MARCHIONI/PRIMO REGIS CONGI AD APOSTOLICAM SEDEM ORATORI/QUEM ITINERIS DIFFICULTATIBUS FESSUM ET AGRUM/SOCUS OMNIBUS AMISSIS MAESTUM/IN VATICANO EXCEPTUM AC DECUMBENTEM INVISIT/REGISQUE SUI NOMINE REGNUM/SEDI APOSTOLICAE OFFERENTEM BENIGNE AUDIVIT/MORIBUNDUM APOSTOLICA BENEDICTIONE MUNIVIT/MORTUUM FUNEBRI QUASI REGIA POMPA/HONORIFICE IN SUUM SACELLUM AFERRI VOLVIT/PATERNI AMORIS NONUMENTUM POSUIT/ANNO MDCVIII, PONT. SUI III.

outra, a actual, quando o Papa Urbano VIII (1623-1644) mandou erigir, em 1629, o monumento sepulcral tal como agora se pode admirar na basílica liberiana. Atribuído por muito tempo a Bernini, é obra de Francesco Caporale, distinguindo-se a parte do busto pelos mármore policromos que o compõem. A efígie do defunto foi modelada em mármore negro da Líbia⁹ sobre a máscara mandada tirar pelo Papa Paulo V. Ao monumento é reconhecida notável qualidade artística, apesar de se encontrar colocado muito alto e pouco bem iluminado. O nome de Negrita foi-lhe dado pelo povo por causa da sua cor, nome que se encontra em algumas descrições e que passou para a própria inscrição sepulcral¹⁰:

AO MARQUÊS ANTÓNIO NEGRITA
EMBAIXADOR RÉGIO DO CONGO
A QUEM PAULO V SEPULTOU
NO MONTE ESQUILINO,
TENDO MORRIDO NO VATICANO
ANTES DE CONCLUIR A DELEGAÇÃO.
URBANO VIII,
QUE FOI O PRIMEIRO ROMANO PONTÍFICE
A RECEBER DOS REIS DO CONGO
POR INTERMÉDIO DO EMBAIXADOR JOÃO BAPTISTA VIVES
O SOLENE JURAMENTO
DE OBEDIÊNCIA À FÉ CRISTÃ,
FEZ CONSTRUIR O SEPULCRO
MONUMENTO DA CARIDADE PONTIFÍCIA,
NO ANO 1629, SEXTO DO PONTIFICADO.

Nesta inscrição menciona-se ainda o nome de uma outra figura como embaixador do Congo, João Baptista Vives, que recebera esse encargo de Álvaro III, rei do Congo desde 1614. Este escreve ao Papa a pedir que, na impossibilidade de enviar já novo embaixador, se digne aceitar a nomeação de Mons. Vives como encarregado seu, bem como a do Cardeal de Santa Cecília como protector do seu

⁹ Cf. A. OLDOINO, *Vitae et res gestae Pontificum Romanorum...*, IV, Roma 1677, col. 386-387.

¹⁰ A inscrição no texto latino é esta:

MARCHIONI ANTONIO NIGRITAE/REGIO CONGI ORATORI/QUEM PAULUS V NONDUM PERACTA LEGATIONE/IN VATICANUM MORTUUM/IN EXQUILIIS FUNERAVIT/URBANUS VIII/QUI PRIMUS ROMANORUM PONTIFICUM/A REGIBUS CONGI/PER ORATOREM IOANNEM BAPTISTAM VIVES/SOLEMNE CHRISTIANAE OBEDIENTIAE/IURAMENTUM EXCEPIT/SEPULCRUM EXTRUXIT/PONTIFICIAE CARITATIS MONUMENTUM/AN. DOM. MDCXXIX PONT. VI.

reino¹¹. Assim e sob o patrocínio de Filipe de Castro, o protonotário Vives, franciscano, arcebispo de Alcira e cônego de Valência, tornou-se o agente do rei do Congo. Será este senhor a dar continuidade à missão do «Negrita» na Cidade Eterna, prestando o juramento de obediência ao Papa Urbano VIII, perante seis cardeais dedicados à Propagação da Fé. Também foi ele a negociar o envio de missionários Capuchinhos, os quais se iriam juntar aos Mercedários espanhóis que já trabalhavam naquelas paragens. É nesse contexto que o Papa Paulo V pôde anunciar, em 15 de Janeiro de 1621, o envio de doze Capuchinhos para o Congo, seguindo-se outros mais tarde.

A immortalizar a memória de uma tal embaixada, foi mandada pintar na Biblioteca Vaticana um *fresco* representando a visita de Paulo V ao Embaixador do Congo no leito de morte, onde se podem ver mais duas figuras de pretos, de joelhos, e ler a seguinte inscrição:

PAULUS V PONT. MAX. RECEBEU NO VATICANO ANTÓNIO MANUEL
LEGADO DO REI DO CONGO ÁLVARO, DOENTE POR CAUSA DA LONGA E
DIFÍCIL VIAGEM, E PASSADOS DIAS O VISITOU PRÓXIMO DE MORRER.
AN. 1608 PONTIFIC. IV¹².

Também foi cunhada *medalha* comemorativa da Embaixada de D. António Manuel Negrita ao Papa. Do lado direito encontra-se a efígie do Papa Paulo V, com pluvial (PVLUS V.P.M.A. III), e, no verso, o Papa sentado no trono, assistido por um Cardeal, no acto de abençoar o enviado do Congo, de joelhos, onde se lê a seguinte inscrição:

E O CONGO RECONHECE O PASTOR¹³.

A medalha, preparada com antecedência, ficou a testemunhar um facto que na realidade não chegou a acontecer.

No documento sepulcral de Paulo V (Borghese) em Santa Maria Maior, encontra-se ainda um particular esculpido, representando o embaixador congolês a prestar homenagem ao Papa. A inscrição refere, além dessa, as representações da Pérsia e do Japão, também immortalizadas na Biblioteca Vaticana¹⁴.

¹¹ Cf. *Corpo Diplomático Português* XII, Lisboa 1902, p. 177-179.

¹² PAULUS V. PONT. MAX. ANTONIUM EMMA/NUELEM ALVARI REGIS CONGI LEGATUM/EX LONGO ET DIFFICILI ITINERE AEGROTANTEM/IN VATICANO EXCEPTI PAUCISQUE POST DIEBUS/MORTI PROXIMUM INVISIT AN. CIO CIIX/PONTIFIC. IV.

¹³ ET CONGV. AGNOSCIT PASTOREM. A. MDCVIII.

¹⁴ CONGI PERSIDISQUE REGUM ET IAPANORUM AD SEDEM APOSTOLICAM DE RE CHRISTIANA LEGATOS MUNIFICENTISSIME EXCEPIT.

*
*
*

O relevo dado à embaixada do «Negrita» em Roma assume um valor de sinal extraordinário, no quadro da evangelização dos povos, havia pouco descobertos. Os numerosos escritos da época documentam o impacto de tal acontecimento, que entrou a fazer parte da crónica do mundo diplomático de então. Do seu conhecimento depende a ideia que se possa fazer do quadro de interesses que presidiam a essa missão, de grande importância para avaliar todo um processo de inculturação do evangelho, numa época em que o factor religioso andava tão intimamente ligado à estrutura política e económica.

O monumento fúnebre ao embaixador do rei do Congo, que surge na mesma década da fundação da Congregação da «Propaganda Fide» por Gregório XV (6-1-1622) e do respectivo Colégio por Urbano VIII (1-8-1627), não é senão expressão de uma consciência nova no seio da Igreja, que também se manifesta em obras de arte. Da memória desse acontecimento fez-se um símbolo. Quando em Roma se preparavam missionários e se enviavam a África e aos outros continentes descobertos, o monumento ao embaixador «Negrita» era, além da homenagem reconhecida de quem tinha vindo até Pedro, o convite à missão. Na intenção do Papa Urbano VIII, é o mesmo espírito que está subjacente na criação do Colégio da Propaganda (1627) e na erecção do monumento fúnebre de D. António Manuel na basílica liberiana (1629). De alguma forma, este consagra e visualiza o sentido da missão da Igreja.

O mesmo se pode afirmar da pintura a fresco na luneta da Biblioteca Vaticana, que faz «pendant» com uma outra representando uma embaixada persa aos pés do Papa. Estas duas representações, ladeadas pelas basílicas romanas, acentuam uma intervenção de universalidade, não separável da sua romanidade, intenção que se confirma ainda mais com o quadro da embaixada japonesa na sala contígua, a famosa sala sistina, e com o baixo relevo do mausoléu de Paulo V, onde os três acontecimentos são igualmente evocados.

BIBLIOGRAFIA

A. OLDOINO, *Vitae et res gestae Pontificum Romanorum* IV, Roma 1677, col. 386-287, 509.

JOSÉ DE NOVAIS, *Elementi della Storia dei Sommi Pontefici da S. Pietro sino... Pio Papa VII*, Siena 1805, p. 106, 224.

G. MORONI, *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica* XII, Veneza 1841, p. 122.

VISCONDE DE PAIVA MANSO, *História do Congo*, Lisboa 1877, p. 147. *Corpo Diplomático Português* XII, Lisboa 1902, p. 177-179.

A. MUNOZ. Il monumento di Antonio il Nigrita in Santa Maria Maggiore a Roma: *L'Arte* 12 (1909) 178-182.

ALYS DE CARAMAN-CHIMAY BORGHESE, *Belges et Africains*, Roma 1916, p. 13-23.

J. A. F. ORBAAN, *Documenti sul Barrocco in Roma*, Roma 1920, p. 6-7, 92-93. *Bullarium ordinis S. Francisci Capuccinorum* VII, Roma 1752, p. 192-193.

F. COLONNA DI STIGLIANO, Il monumento del negro in Santa Maria Maggiore e l'Ambasciata congolese a Roma del 1608: *Roma* 3 (1925) 109-120, 155-169.

L. von PASTOR, *Storia dei Papi*, XII, Roma 1930, p. 268-269.

A. BRASIO, *Monumenta Missionaria Africana*, V, Lisboa 1955, p. 367-371, 393-423, 431.

B. BIRMINGHAM, «The Kongo Kingdom» in: *The Cambridge History of Africa* IV, Cambridge 1975, p. 331-332.

A. CARDOSO



Busto de D. António Manuel Negrta no monumento fúnebre em Santa Maria Maior (de Francesco Caporale)



Mausoléu do Embaixador do Congo (o Negrita) na Capela do Baptistério em Santa Maria Maior



*Paulo V visita o Embaixador do Congo no leito de morte
(Fresco da Biblioteca Vaticana)*



*Medalha comemorativa
da embaixada do Rei do Congo ao Papa Paulo V*